

Educação no Brasil: Experiências, Desafios e Perspectivas 3

Willian Douglas Guilherme
(Organizador)



Atena
Editora
Ano 2019

Willian Douglas Guilherme
(Organizador)

Educação no Brasil: Experiências, Desafios e Perspectivas 3

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.ª Dr.ª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
E24	Educação no Brasil [recurso eletrônico] : experiências, desafios e perspectivas 3 / Organizador Willian Douglas Guilherme. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Educação no Brasil. Experiências, Desafios e Perspectivas; v. 3) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-666-9 DOI 10.22533/at.ed.669192709 1. Educação – Brasil – Pesquisa. 2. Prática de ensino. I. Guilherme, Willian Douglas. CDD 370.981
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O livro “Educação no Brasil: Experiências, desafios e perspectivas” reúne 79 artigos de pesquisadores de diversos estados e instituições brasileiras. O objetivo em organizar este livro é o de contribuir para o campo educacional e das pesquisas voltadas aos desafios educacionais, sobretudo, das práticas educativas e da formação de continuada de professores.

A obra contém um conjunto de resultados de pesquisas e debates teórico-práticas que propõe contribuir com a educação em todos os níveis de ensino, sobretudo, assuntos relativos à interdisciplinaridade, matemática, arte, gênero, formação continuada e prática escolar.

Os 79 artigos que compõem esta obra foram agrupados em 3 Volumes distintos. Neste 3º e último Volume, são 20 artigos que debatem a Formação Continuada de Professores, fechando com 6 artigos em torno da temática Educação e Arte. No 1º Volume, são 14 artigos em torno da temática Gênero e Educação e 15 artigos sobre Interdisciplinaridade e no 2º Volume, são 25 artigos que debatem sobre a prática escolar em diversos níveis e espaços do processo educacional.

A obra é um convite a leitura e entregamos ao leitor, em primeira mão, este conjunto de conhecimento.

Boa leitura!

Willian Douglas Guilherme

SUMÁRIO

PARTE 1 - FORMAÇÃO CONTINUADA

CAPÍTULO 1	1
DESAFIOS DA GESTÃO ADMINISTRATIVA/FINANCEIRA NA EDUCAÇÃO DE TEMPO INTEGRAL	
Edilma de Jesus Louzeiro Cruz	
Erisvan Sales Oliveira	
Raimunda Nonata da Silva Machado	
DOI 10.22533/at.ed.6691927091	
CAPÍTULO 2	11
A EXPRESSIVIDADE DO PROFESSOR UNIVERSITÁRIO - DESAFIOS DA PEDAGOGIA UNIVERSITÁRIA E PERSPECTIVAS DA FORMAÇÃO DOCENTE	
Regina Zanella Penteadó	
DOI 10.22533/at.ed.6691927092	
CAPÍTULO 3	24
A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO DO PROFISSIONAL DA EDUCAÇÃO INFANTIL: CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO DE NOVOS PROFESSORES DURANTE A EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO	
Ana Luiza Sobrinha Silva Souza	
Emília Karla de Araújo Amaral	
DOI 10.22533/at.ed.6691927093	
CAPÍTULO 4	36
A UNIVERSIDADE PÚBLICA BRASILEIRA E À MODA DA POLÍTICA IDENTITÁRIA	
Emanuel Oliveira da Costa	
Emelinne Bezerra Tavares	
DOI 10.22533/at.ed.6691927094	
CAPÍTULO 5	43
APROXIMAÇÕES ENTRE AS CIÊNCIAS NATURAIS E AS CIÊNCIAS HUMANAS BASEADAS NA BNCC: O LUGAR DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO NA ESCOLA	
Roberta Dall Agnese da Costa	
Ana Cláudia Reis de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.6691927095	
CAPÍTULO 6	54
AS CONCEPÇÕES FORMATIVAS DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL NO ESTADO DO CEARÁ	
Consolação Linhares de Carvalho Coelho	
Antonia de Abreu Sousa	
Amarílio Gonçalves Coelho Júnior	
DOI 10.22533/at.ed.6691927096	

CAPÍTULO 7 64

ASPECTOS TEÓRICO-PRÁTICOS DA FORMAÇÃO PROFISSIONAL EM PROMOÇÃO DA SAÚDE:
EXPERIÊNCIAS EXITOSAS DA ENFERMAGEM

Antonia de Fátima Zanchetta Serradilha
Elza de Fátima Ribeiro Higa
Dircelene Jussara Sperandio
Marli Terezinha Casamassimo Duarte
Vera Lucia Pamplona Tonete

DOI 10.22533/at.ed.6691927097

CAPÍTULO 8 77

CONTRIBUIÇÕES DA REVISTA EDUCITEC PARA A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
NO AMAZONAS

Wagner Gomes de Oliveira
Carolina Menandes de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.6691927098

CAPÍTULO 9 88

“CRISE DA DOCÊNCIA” E SEUS REFLEXOS NA RELAÇÃO ENSINO-APRENDIZAGEM

Izaque Pereira de Souza
Teresa Kazuko Teruya
Wellington Junior Jorge

DOI 10.22533/at.ed.6691927099

CAPÍTULO 10 98

DA TEORIA À PRÁTICA: UM OLHAR SOBRE AS VIVÊNCIAS EM UM ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Anderson Moisés Barbosa Souza Chagas

DOI 10.22533/at.ed.66919270910

CAPÍTULO 11 105

DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS DA DOCÊNCIA: A NECESSIDADE DA FORMAÇÃO
CONTINUADOS DOS PROFESSORES

Ludimar Pegoraro
Arã Paraguassu Ribeiro
Rodrigo Regert
Kleber Prado Filho
Patrícia de Deus e Silva
Rosana Rachinski D`Agostini
Marissol Aparecida Zamboni
Fátima Noely da Silva
Eliane Baldo Fantinel
Marcelo Ricardo Colaço

DOI 10.22533/at.ed.66919270911

CAPÍTULO 12 117

É POSSÍVEL DESENVOLVER COMPETÊNCIAS E HABILIDADES POR MEIO DE PRÁTICAS LÚDICAS? RELATO DE EXPERIÊNCIA E PERCEPÇÃO DISCENTE DO CURSO DE FARMÁCIA DE UMA UNIVERSIDADE FEDERAL

Lucila Ludmila Paula Gutierrez
Alexsandro Ferreira Guimarães
Camila Silva Martins
Ana Gabriela Pericolo Nunes
Ana Paula Oliveira Barbosa
Paula Pillar Pinto
Marilene Porowski

DOI 10.22533/at.ed.66919270912

CAPÍTULO 13 125

FORMAÇÃO ACADÊMICA: RECONSTRUÇÃO, RESSIGNIFICAÇÃO OU RESGATE?

Juliana Alvares Duarte Bonini Campos

DOI 10.22533/at.ed.66919270913

CAPÍTULO 14 133

HORA-ATIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL E O TEMPO/ESPAÇO DA FORMAÇÃO CONTINUADA

Jessica Rautenberg
Rita Buzzi Rausch

DOI 10.22533/at.ed.66919270914

CAPÍTULO 15 141

O ALIMENTO NA EDUCAÇÃO ESCOLAR: DIÁLOGOS ENTRE A FORMAÇÃO DOCENTE, DISCENTE E COMUNIDADE

Terezinha Camargo Pompeo Vinha.
Marcia Reami Pechula

DOI 10.22533/at.ed.66919270915

CAPÍTULO 16 148

O DEBATE ACERCA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NA PERSPECTIVA DA FORMAÇÃO CONTINUADA

Cintya Roberta Oliveira dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.66919270916

CAPÍTULO 17 157

O PARFOR E SUAS CONTRIBUIÇÕES NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES: UMA ANÁLISE NO ÂMBITO DAS AÇÕES AFIRMATIVAS BRASILEIRAS

Raul da Silveira Santos
Francisco Pereira de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.66919270917

CAPÍTULO 18 168

O PROJETO INTEGRADOR COMO INSTRUMENTO DE EFETIVAÇÃO DO CURRÍCULO INTEGRADO NOS DOCUMENTOS OFICIAIS DO IFPA

Robson de Sousa Feitosa
Vanderlei Antonio Stefanuto
Soraya Farias Aquino
Alessandra Ribeiro Duarte

DOI 10.22533/at.ed.66919270918

CAPÍTULO 19	181
OS NOVOS DESAFIOS DO ENSINO SUPERIOR: CONTRIBUIÇÕES HUMANISTAS PARA A FORMAÇÃO DO JURISTA	
Pedro Henrique Hermes	
DOI 10.22533/at.ed.66919270919	
CAPÍTULO 20	188
WORKSHOP DE ENSINO COMO ESTRATÉGIA DE FORMAÇÃO DOCENTE: RELATO DE EXPERIÊNCIA	
Fernanda Klein Marcondes	
Lais Tono Cardozo	
Kelly Cristina Gavião Luchi	
DOI 10.22533/at.ed.66919270920	
PARTE 2 - EDUCAÇÃO E ARTE	
CAPÍTULO 21	195
(DESCONSTRUINDO) ESTEREÓTIPOS: NARRATIVAS EM TORNO DO ENSINO DA ARTE	
Mikael Miziescki	
Marcelo Feldhaus	
DOI 10.22533/at.ed.66919270921	
CAPÍTULO 22	207
10 EDIÇÕES DO <i>ENCONTRO DE EDUCAÇÃO MUSICAL DO INSTITUTO DE ARTES DA UNICAMP</i> : O ESTADO DO CONHECIMENTO SOBRE AS PUBLICAÇÕES GERADAS PELAS COMUNICAÇÕES ORAIS	
Paulo Roberto Prado Constantino	
DOI 10.22533/at.ed.66919270922	
CAPÍTULO 23	215
EDUCAÇÃO MUSICAL NAS ESCOLAS PÚBLICAS DO ESTADO DE SÃO PAULO: O MATERIAL DIDÁTICO DE ACORDO COM OS PROFESSORES DE ARTE	
Aline Raquel Costa de Oliveira	
Cassiano de Almeida Barros	
Andreia Miranda Moraes do Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.66919270923	
CAPÍTULO 24	223
ENSINO DE ARTES: FRONTEIRAS ENTRE CURRÍCULO E PESQUISA DOCENTE	
Christiane de Faria Pereira Arcuri	
Deise Marins Alcântara	
DOI 10.22533/at.ed.66919270924	
CAPÍTULO 25	234
MÚSICA E EDUCAÇÃO: UMA PERSPECTIVA BAKHTINIANA	
José Carlos Teixeira Júnior	
DOI 10.22533/at.ed.66919270925	

CAPÍTULO 26	243
O MATERIAL DIDÁTICO PARA BANDAS DE MÚSICA: REFLEXÕES E POSSIBILIDADES DE USO Fernando Vieira da Cruz DOI 10.22533/at.ed.66919270926	
SOBRE O ORGANIZADOR.....	253
ÍNDICE REMISSIVO	254

FORMAÇÃO ACADÊMICA: RECONSTRUÇÃO, RESSIGNIFICAÇÃO OU RESGATE?

Juliana Alvares Duarte Bonini Campos

Professor Associado Universidade Estadual Paulista – UNESP, Faculdade de Ciências Farmacêuticas.

e-mail: juliana.campos@unesp.br

RESUMO: Esse texto apresenta por objetivo fomentar uma discussão/reflexão acerca do processo de formação acadêmica, principalmente no que se refere à pós-graduação. Para tanto, são apresentados relatos e questionamentos buscando direcionar essa discussão no sentido de entender se o caminho a ser seguido é de reconstrução, ressignificação ou resgate do processo de formação. A despeito de qual postura é a correta, é intenção desse texto expor um ponto de vista que aponta que o processo de formação acadêmica precisa ser significativo para todos os atores envolvidos e que apresenta consequências na motivação e no entusiasmo dos pós-graduandos.

PALAVRAS-CHAVE: Formação Acadêmica; Carreira; Ciência

“...é difícil voltar ao caminho depois que a gente perde o rumo”

Melanie Thernstrom

Para aqueles que desejam ingressar na universidade pública no nosso país, o direito

ao ócio certamente se perde na época do vestibular. O processo de competição se inicia pela busca de uma pequena inserção em um espaço onde o conhecimento é privilégio de poucos a ser conquistado. Após esse árduo processo, no passo subsequente, muitos jovens se deparam com a frustração e a desmistificação do processo de aquisição de conhecimento na universidade e percebem que o conhecimento transmitido é ínfimo, quase imperceptível dentro do rol de possibilidades e que a aquisição de competências está totalmente intrínseca ao despertar pessoal de busca pelo conhecimento o que os traz de volta a uma nova disputa. Trata-se de uma disputa embrenhada ao inevitável movimento da busca do conhecimento. Esse momento possui um ritmo particular em direção à construção de respostas a perguntas emergentes do pequeno rol de informações adquirido até o momento ou, talvez, de devaneios resultantes de mentes criativas e inquietas. O fato é que o processo de formação acadêmica é dado a partir de informações disciplinares, muitas vezes desconectadas, que devem ser rearranjadas e estruturadas a partir do olhar de quem ensina e de quem recebe a informação. Esse processo depende em grande parte da perspicácia e da maturidade dos atores

envolvidos e assim, inicia-se um processo de construção do saber particular em busca de significado. Nesse contexto, o ócio não é mais uma possibilidade e ao final do processo dois perfis podem emergir sendo um deles relacionados aos indivíduos que ao término do ensino superior acredita que conseguiram encaixar as peças necessárias para se introduzir no mercado de trabalho e aqueles que se deparam com mais questionamentos do que respostas.

Com objetivos pueris, circundados de boas intenções e com um discurso eloquente em prol da busca eterna pelo conhecimento, indivíduos com o segundo perfil, se lançam ao mundo infindável de possibilidades e iniciam uma carreira acadêmica. Nesse terreno desafiador e instigante parece que cada um é único até que todos se dão conta que estão juntos no mesmo cenário, submersos em um mundo competitivo e cheio de distrações. Essas distrações entenebrece o nobre impulso que os trouxe até aqui (busca do conhecimento) atrapalhando de maneira importante o movimento regular e periódico estabelecido para sustentar um processo de formação útil, íntegro, honesto e competente.

E a partir desse ponto trago esse texto com a intenção de realizar uma reflexão sobre o processo de formação acadêmica enquanto carreira partindo do princípio de que a busca do conhecimento, mais que uma satisfação pessoal, representa uma enorme responsabilidade, principalmente, no que se refere ao processo de formação de jovens que certamente continuarão esse processo em um ritmo cada vez mais intenso. Ainda, nessa reflexão espero trazer à tona componentes importantes para serem discutidos no atual processo de formação acadêmica. Contudo, alerto que não pretendo trazer respostas, provavelmente porque as mesmas não são únicas e consensuais ou talvez porque, nesse momento, fazer perguntas seja mais relevante para o processo do que as respostas.

A escolha pela carreira acadêmica carrega implicitamente que, aquele ócio não mais pretendido, seja preenchido por horas de estudo, apropriação da linguagem e dos métodos científicos e de domínio aprofundado na área de conhecimento escolhida. Ainda, espera-se que esse sujeito seja capaz de perceber a responsabilidade que carrega ao gerar conhecimentos que deverão ser transmitidos a outros estudantes, seja de graduação ou de pós-graduação. Assim, a carreira acadêmica requer disponibilidade, empenho e respeito ao conhecimento. Infelizmente, nem todos que escolheram essa carreira o fizeram pelos motivos certos o que terá consequências desastrosas para a continuidade do processo de formação acadêmica.

A iniciativa de escrever esse texto de opinião nasceu dos questionamentos, das reflexões e das inquietações vividas dia após dia em meu laboratório de pesquisa, principalmente por meus estudantes de pós-graduação. A leitura de um texto redigido por Freitas (2002) foi para mim também uma inspiração. Para quem trabalha com a ciência, com seu linguajar próprio e seu arcabouço teórico e prático árduo e tão peculiar, ler um texto como o de Freitas (2002) foi um momento de identificação e, apesar de seu propósito não científico, me proporcionou realizar discussões

extremamente frutíferas junto aos estudantes. Esclareço que esse é o primeiro texto que escrevo sem o apoio fundamental da literatura e do método científico de modo que trata, para mim, de tarefa inédita e desafiadora. Entretanto, acredito que esse desafio será relevante.

Quando alguém faz a opção pela carreira acadêmica, certamente, possui uma visão otimista e superficial do que está por vir, o que acredito ser normal em qualquer escolha profissional. Com o passar dos anos, o percurso da carreira e de suas responsabilidades são paulatinamente desvelados. Entre essas responsabilidades encontram-se a realização de pesquisas científicas e o ensino. Assim, pouco a pouco a responsabilidade de formar jovens profissionais (com diferentes perfis) com competência começa a tomar forma. O cerne de nossa discussão é esse ponto, formar pessoas, especificamente para seguir uma carreira acadêmica e continuar o processo de formação de outros jovens.

Esses jovens, assim como eu e tantos outros, abriram conscientemente mão do ócio e passaram a adotar seu processo de formação como um estilo de vida (se não fizeram isso, certamente estão trilhando esse caminho apenas em busca de um título, o que é realmente lamentável). Esse estilo de vida certamente causou e causa estranheza aos que nos rodeiam (amigos, família...) como já enfatizado por Freitas (2002), mas, tudo bem, nos acostumamos a ser “esquisitos” e caminhamos para construir um percurso contínuo de busca e divulgação do conhecimento. Esse percurso inclui noites mal dormidas, experimentos que fracassaram, perguntas sem respostas, falta de recursos financeiros, dificuldades de convívio entre os colegas e com outros pesquisadores e orientador, medo de se lançar ao desconhecido em busca da internacionalização, insegurança em relação ao futuro, tempo mais longo que o habitual para inserção no mercado de trabalho formal e tantos outros desafios angustiantes. Contudo, mais forte do que tudo isso é a certeza de que esse estilo de vida nos trará algo realmente relevante.

Definir estilo de vida é algo complexo, mas utilizarei o conceito da Organização Mundial de Saúde que afirma ser o estilo de vida *“o conjunto de hábitos e costumes que são influenciados, modificados, encorajados ou inibidos pelo prolongado processo de socialização”*. Assim, quando optamos pela carreira acadêmica buscamos nos apropriar dos “hábitos e costumes” intrínsecos à mesma e considerando que esses são continuamente modificados/atualizados estamos sempre alertas a esse movimento. Contudo, algumas coisas não mudam... por exemplo: temos que nos apropriar dos conhecimentos necessários para realizar nossas pesquisas, precisamos nos engajar em laboratórios que trabalhem de maneira atualizada e árdua nas questões que optamos por investigar e precisamos divulgar os resultados obtidos em nossas pesquisas em revistas de grande visibilidade e impacto científico. Precisamos ainda nos envolver com grupos internacionalmente reconhecidos e esse movimento é realizado por meio da participação em congressos internacionais e realização de estágios de pesquisa no exterior. Temos que nos envolver com as atividades do

laboratório no que diz respeito às discussões científicas e apoio aos colegas de diferentes níveis de formação e precisamos lutar bravamente para captação de recursos para financiar nossas pesquisas e nosso processo de formação, o que se torna cada vez difícil e exaustivo em nosso país. Essas tarefas são comuns a todos aqueles que optaram pela carreira acadêmica, ou seja, tanto os pesquisadores mais experientes quanto os ingressantes de Iniciação científica e Mestrado.

Olhando de fora para esse panorama, certamente, quem não optou por esse estilo de vida achará uma grande loucura, mas, para quem optou, essas são “as regras do jogo” e não há mal nenhum nisso, muito pelo contrário, faz parte dos desafios, do significado e do movimento gratificante de se formar nessa carreira. Assim, o significado do processo de formação acadêmica é abrangente, devendo ser construído a partir do reconhecimento da importância de diferentes aspectos, que devem ser igualmente priorizados, para formação de um indivíduo proativo, crítico, reflexivo e competente não apenas cientificamente, mas também como multiplicador de experiências e conhecimento e que atue de maneira honesta e ética. Bom... pelo menos é isso o que entendo como formação acadêmica e tenho norteado minhas orientações no sentido de conscientizar os meus orientandos em relação à importância de investir em um processo de formação integral e é a partir daqui que começo a trazer mais perguntas do que respostas pois, talvez o processo de formação acadêmico tenha se reconstruído ou mudado de significado e talvez eu tenha ficado para trás, completamente obsoleta.

Como tantos outros laboratórios, vivemos do financiamento advindo de agências de fomento que felizmente existem e nos amparam. Assim, buscamos seguir as regras para construção de um histórico sólido de formação acadêmica que possa contemplar, simultaneamente, as necessidades de formação de cada indivíduo enquanto sujeito multiplicador de opiniões e com responsabilidade social, como também, as exigências dessas agências sempre buscando acompanhar as oscilações periódicas que ocorrem nessas regras devido, principalmente, a flutuações relacionadas tanto ao mercado financeiro como à comparação entre pares. Contudo, há pouco tempo recebemos um parecer cujo conteúdo abalou profundamente o entusiasmo dos estudantes de pós-graduação do laboratório. Naquele momento, senti o peso da decepção e da frustração daqueles jovens no ar e uma impotência enorme. O parecer tratava de solicitação de bolsa de pós-doutorado e dizia que apesar da proposta ser excelente a mesma estava sendo recusada devido ao histórico acadêmico do candidato.

Até aqui, para quem não conhece a história inteira, parece despeito de orientador e orientando que não receberam bolsa, aceito esse julgamento, pois, sim, nesse momento ficamos extremamente chateados por não termos sido contemplados. Mas... gostaria de fornecer mais elementos aos leitores que possam colaborar em nossa reflexão, talvez até possam me absolver.

Considerando o conteúdo do parecer vamos focar no histórico acadêmico

do candidato. Trata de um estudante que realizou sua graduação em instituição de ensino privado e ingressou no curso de Mestrado em 2012 sem nenhum conhecimento sobre a área acadêmica, ou seja, assim como tantos outros chegou na pós-graduação acreditando que estaria fazendo um curso de “atualização”, mas que imediatamente se deparou com a árdua rotina dessa carreira incluindo as exigências impostas por nosso laboratório de pesquisa. Superado o susto inicial, o estudante começou a estudar no sentido de se apropriar do dialeto e da rotina, próprios da ciência, e montamos estratégias para formação do estudante. Enviamos seu projeto de pesquisa para uma agência de fomento e esse foi aprovado e após 18 meses um projeto de Estágio no Exterior também foi apresentado e aprovado. O estudante defendeu seu Mestrado em 2014 com 8 artigos publicados (2 deles na principal revista científica da sua área de pesquisa), além disso participou de 11 Congressos (sendo 9 internacionais) para divulgação dos resultados de seu trabalho. O estudante também realizou co-orientação de estudante de Iniciação científica e estágio de docência. No Doutorado também captou duas bolsas, uma para desenvolvimento do trabalho no Brasil e outra no Exterior, publicou mais 8 trabalhos científicos, apresentou seus resultados em 10 Congressos (6 internacionais) e desenvolveu atividades didáticas e de orientação. Em acréscimo devo relatar que dos 16 artigos publicados, em 12 o estudante é o primeiro autor, ou seja, não se trata de colaborações, ou autorias espúrias (outro ponto lamentável que tem ocorrido no processo de produção científica, mas que apesar de importante, não é escopo de nossa discussão nesse momento) mas de um envolvimento verdadeiro e intenso.

Resgatando a informação de que o estudante iniciou sua carreira recentemente, o resultado apresentado me parece surpreendente e, como orientadora, sinto que conseguimos trabalhar o processo de formação em sua plenitude. Por esse motivo o parecer emitido me pareceu inacreditável e nesse contexto, meus estudantes começaram a se questionar e a me questionar o que é formação acadêmica. Esse questionamento não ocorreu apenas pela negativa emitida em relação à solicitação de bolsa, mas, devido à nossa impotência, nosso total desconhecimento em relação aos possíveis problemas que podem ter ocorrido no processo de formação acadêmica desse estudante. Esses problemas são de minha total responsabilidade e, portanto, nesse momento um processo reflexivo se iniciou e nos trouxe até aqui. Afinal, para que eu possa orientar adequadamente meus estudantes preciso entender como deve se dar o processo de formação acadêmica, afinal, é muito tempo e energia investidos tanto de minha parte quanto por parte dos estudantes e acima de tudo trata-se da adoção de um estilo de vida pautado em muita luta para conquistar sonhos e planejar o futuro.

Após tantos questionamentos e inquietações, gostaria de compartilhar com você leitor que apesar das intempéries, a bolsa de pós-doutorado que motivou toda reflexão foi concedida após pedido de reconsideração. Contudo, nossa reflexão ainda vive e tem nos feito questionar o processo de formação acadêmica. Será que

o mesmo precisa ser reconstruído, ressignificado ou resgatado?

Por um lado, a concessão da bolsa pode nos sinalizar para continuidade do processo de formação como ele está instalado, ou seja, estamos tratando de um resgate de um sujeito acadêmico em sua plenitude englobando a internacionalização, competência científica, capacidade de formação de recursos humanos e disponibilidade para inovação e não apenas um escritor de artigos. Aqui vale uma observação para que eu não seja mal interpretada. Os artigos são importantes, são muito importantes, apenas acredito que esses não representam a totalidade do processo de formação acadêmica e que representam uma consequência de um processo realizado de forma competente e não o objetivo principal do processo. Por outro lado, podemos continuar nos questionando, será que não estamos obsoletos? Será que não devemos começar a nos questionar sobre o que é formação acadêmica aos olhos da academia e das agências de fomento? Será que o significado atribuído à academia é o mesmo que nós professores atribuímos à formação de novos pesquisadores/professores? O que devemos fazer? Que rumo devemos tomar no processo de formação acadêmica?

Ainda, posso estar completamente equivocada e, em tempos de relações líquidas e informações descartáveis, talvez formar pessoas seja apenas um inevitável efeito colateral. Se assim for, o foco do ensino de pós-graduação deve estar predominantemente na pesquisa em si, visando unicamente seu produto final e sua contribuição para humanidade (o que também é de extrema relevância) e, portanto, talvez seja necessário ressignificar minha visão em relação à formação acadêmica. Talvez eu precise, dentro desse processo aprender a otimizar o trabalho de modo a produzir o que importa para o mercado com maior agilidade e eficiência.

Precisamos, contudo, pensar se esse tipo de postura não nos repete à descrição realizada por Bauman (2001, 2005) de “modernidade líquida”, cujas principais características são o desapego, a provisoriedade e a individualização. Nesse contexto, as relações são fluidas e rápidas e a velocidade desse movimento é que determina a eficiência das relações (Tfouni & Silva, 2008). De acordo com Bauman (2001, 2005), essa liquidez é consequência das incertezas e flutuações econômicas e dos valores morais e éticos da sociedade cuja ideologia é alicerçada na velocidade, no movimento constante e no descompromisso. Contudo, tem sido alertado que, essa dinâmica tem gerado um profundo mal-estar cultural e social com manifestação consciente de uma exploração exacerbada dos recursos temporais (Kurz, 1999), ou seja, o tempo se encontra em estado de urgência e, com isso, os indivíduos estão adoecendo, sofrendo cada vez mais, por exemplo, pela ansiedade.

Sevalho (1996) denomina esse fenômeno de “sistemas instantâneos de deportação” e atribui ao mesmo uma permanente e incessante perturbação das estruturas sociais com fragmentação das identidades individuais e grupais, das relações humanas com o espaço e o tempo, alienação do trabalho e exclusão social. Assim, para o autor a vida passa a ser configurada dentro de acelerações superpostas

em um tempo sem passado, sem futuro e com um presente fluido e fugaz o que, inevitavelmente, abala os ritmos biológicos e sociais e não permite uma construção histórica. Essa aceleração fragmenta as identidades e tem gerado sentimentos crônicos de impotência, não pertencimento, exaustão e ansiedade. Com o passar do tempo aparecem os primeiros sinais e sintomas físicos ou mentais como um alarme para tomada de decisão. Entretanto, a pressão do tempo, geralmente, banaliza esses avisos de modo que a sensação de estresse e pressão se transformam em válvulas propulsoras de movimento cada vez mais acelerado mantendo, portanto, o ciclo de um tempo extraordinariamente dinâmico e fugaz. Curiosamente, a despeito de todo mal-estar subjacente, esse ritmo de vida é internalizado afetando toda teia de relações (profissionais, pessoais e sociais) transformando os sujeitos em reféns de um sistema com identidade fluida e instável inviabilizando a construção de vínculos sólidos e duradouros.

É nesse contexto de normalidade que as pessoas se tornam vulneráveis e adoecem, aumentam as crises de ansiedade, de insônia, o sentimento de vazio interior, de falta de sentido na vida, conflitos internos, uso de medicação para dormir à noite e para acordar de manhã (Berndt, 2018). Na pós-graduação essa realidade parece já estar implementada e sintomática e, portanto, talvez já tenhamos evidências suficientes para nos questionar se esse é o caminho certo.

A despeito de qual postura é a correta, o importante é que o processo de formação acadêmica precisa ser significativo para todos os atores envolvidos independentemente de necessitarmos resgatar, ressignificar ou reconstruir o processo. Esse significado deve ser construído e sustentado em alicerces sólidos que sejam capazes de suportar as tormentas e tempestades que se apresentarão aos atuais jovens tanto em sua trajetória acadêmica quanto em sua inserção e atuação no mercado de trabalho. Esse significado precisa transbordar e inundar esse mundo de conhecimento, seja ele científico ou não. Precisamos ser capazes de formar seres humanos cada vez melhores no sentido pleno de sua humanidade, para que com seu toque, sejam capazes de transformar... construindo e desconstruindo teorias, questionando, respondendo, criticando, desenvolvendo e aplicando técnicas cada vez mais eficientes. Contudo, envolto a esse processo precisamos aprender a enxergar o sujeito que está por trás de todos esses esforços... seus sonhos, expectativas, dificuldades, lutas... E agora? Como julgar mérito? Como avaliar todas essas competências? Como distribuir recursos para pagar o trabalho desses jovens? Como ser justo?

Se eu tivesse a resposta, talvez esse texto não precisasse ser escrito, certamente essa reflexão não faria sentido e nossos jovens poderiam viver saltitantes e entusiasmados na construção de seu estilo de vida “esquisito”, mas cheio de significado. Nesse ponto, algo ainda precisa ser esclarecido, estamos todos dispostos a reconstruir ou reinventar o processo de formação acadêmica, apenas, precisamos saber como.

Finalizo esse texto sem saber ao certo se consegui meu intuito de fomentar uma reflexão que possa alicerçar o futuro da formação acadêmica de nossos jovens, mas espero ter contribuído para despertar um olhar acerca do que buscamos no processo de formação e as consequências das nossas atitudes na motivação e no entusiasmo desses jovens que abriram mão do ócio, aprenderam o dialeto científico e estruturaram um estilo de vida peculiar, muitas vezes solitário e cheio de sacrifícios. A resposta à questão inserida no título desse trabalho, certamente é carregada de opiniões diversas, muitas vezes individuais ou direcionada a demandas sazonais tanto do ponto de vista econômico quanto político ou social, mas independente de qual seja, precisamos ser claros em qual ou quais caminhos devemos seguir: é o da reconstrução, da resignificação ou do resgate da formação acadêmica? Enquanto pensamos sobre isso, nossos jovens têm sofrido o peso das tomadas de decisões acerca da continuidade ou não de suas carreiras e quando um desses jovens perde a motivação ou o entusiasmo corremos o risco de perder o rumo e, como já dito por Thernstrom (2011) voltar ao caminho é difícil...

Independente da resposta precisamos apenas ser honestos e transparentes com uma geração de sonhadores que certamente farão a diferença no futuro da ciência que tentamos construir. Precisamos construir com urgência um ritmo mais harmônico, uma sinfonia mais afinada entre as expectativas criadas, os desafios traçados, as regras formuladas, a realidade possível e as decisões tomadas.

A vocês jovens peço que não desistam, pois, vocês são fundamentais para nos ajudar a encontrar o caminho e, certamente, estarão mais próximos de todas as respostas do que nós...

REFERÊNCIAS

Bauman, Z. (2001). *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar.

Bauman, Z. (2005). *Vidas desperdiçadas*. Rio de Janeiro: Zahar.

Berndt, C. (2018). *Resiliência: o segredo da força psíquica*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.

Freitas, M. E. (2002). Viver a tese é preciso! Reflexões sobre as aventuras e desventuras da vida acadêmica. *Revista de Administração de Empresas*, 42(1), 88-93.

Kurz, R. (1999). A expropriação do tempo. *Folha de São Paulo*.

Sevalho, G. (1996). Velocidade/Aceleração temporal e infecções emergentes: epidemiologia e tempo social. *História, Ciências, Saúde*, 3(2), 217-236.

Tfouni, F. E. V., & Silva, N. (2008). A modernidade líquida: o sujeito e a interface com o fantasma. *Revista mal-estar e subjetividade*, 8(1), 171-194.

Thernstrom, M. (2011). *As crônicas da dor: tratamentos, mitos, mistérios, testemunhos e a ciência do sofrimento*. Rio de Janeiro: Objetiva.

SOBRE O ORGANIZADOR

WILLIAN DOUGLAS GUILHERME: Pós-Doutor em Educação, Historiador e Pedagogo. Professor Adjunto da Universidade Federal do Tocantins e líder do Grupo de Pesquisa CNPq “Educação e História da Educação Brasileira: Práticas, Fontes e Historiografia”. E-mail: williandouglas@uft.edu.br

ÍNDICE REMISSIVO

A

Acesso ao ensino superior 148
Ações afirmativas 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 165
Alimentação escolar 6, 141, 144, 145, 146, 147

B

BNCC 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 223, 226, 227, 228, 231, 233

C

Carreira 70, 79, 93, 113, 119, 125, 126, 127, 128, 129, 153, 156, 182, 184, 185
Ciência 40, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 60, 79, 82, 83, 85, 87, 111, 119, 124, 125, 126, 129, 132, 168, 169, 171, 172, 173, 176, 177, 178, 179, 182, 183, 184, 185, 214
Ciências humanas 24, 37, 43, 44, 45, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 124, 206
Ciências naturais 43, 44, 50, 51, 164
Classe social 36, 37, 40, 56, 101
Conhecimento científico 43, 44, 45, 47, 49, 50, 51, 59, 68, 87, 93
Crise 40, 88, 89, 90, 155, 181, 182, 184, 186, 212, 238, 241
Crise docente 88, 89, 90
Currículo integrado 59, 61, 168, 169, 170, 171, 172, 175, 176, 177, 178, 179

D

Desconstrução 37, 39, 195, 197, 202
Direito 9, 47, 57, 80, 115, 125, 134, 135, 141, 144, 145, 147, 148, 149, 150, 151, 153, 159, 163, 166, 172, 181, 182, 183, 184, 186, 189, 216
Direito à educação 9, 80, 115, 148, 149, 151
Docente 11, 12, 17, 18, 20, 21, 22, 23, 26, 27, 31, 32, 43, 70, 88, 89, 90, 92, 93, 94, 95, 96, 100, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 111, 112, 114, 115, 118, 124, 133, 134, 140, 141, 157, 162, 164, 188, 189, 192, 194, 210, 219, 223, 224, 225, 226, 229, 230, 231
Documentos do IFPA 168

E

Educação infantil 24, 25, 26, 29, 30, 34, 35, 133, 134, 135, 136, 137, 139, 140, 159, 196, 201, 204, 205
Educação musical 98, 99, 100, 101, 102, 104, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 221, 222, 252
Educação profissional 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 62, 63, 77, 78, 79, 80, 81, 84, 85, 86, 87, 115, 152, 169, 171, 176, 179, 210
Educação Profissional e Tecnológica no Amazonas 77, 79
Educação superior 11, 17, 21, 78, 79, 80, 87, 95, 106, 147, 154, 159, 183, 186

EJA 148, 149, 150, 152, 153, 154, 155, 156

Enfermagem 16, 17, 18, 19, 22, 23, 64, 65, 66, 67, 68, 70, 71, 74, 75, 76, 124

Ensino 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 11, 12, 13, 14, 17, 18, 20, 21, 22, 25, 26, 27, 28, 33, 34, 35, 43, 45, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 66, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 86, 88, 89, 90, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 104, 107, 108, 109, 110, 112, 113, 115, 116, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 126, 127, 129, 130, 133, 134, 136, 139, 140, 141, 143, 145, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 154, 155, 157, 159, 160, 162, 164, 165, 167, 170, 172, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 181, 182, 183, 185, 186, 188, 189, 190, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 208, 210, 212, 215, 216, 217, 218, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 236, 238, 239, 240, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 250, 251

Ensino aprendizagem 5, 88, 110, 123

Ensino de arte 195, 205, 206, 216, 233

Ensino superior 11, 12, 14, 17, 18, 20, 35, 81, 90, 94, 96, 97, 113, 116, 120, 122, 124, 126, 148, 150, 157, 159, 160, 162, 164, 165, 181, 182, 183, 185, 186, 194, 210, 212

Estágio supervisionado 23, 24, 27, 28, 30, 34, 35, 98, 99, 100, 101, 103, 210

Estereótipos 158, 184, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 203, 204, 205, 206

Expressividade 11, 12, 13, 14, 15, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 119

F

Formação acadêmica 81, 125, 126, 128, 129, 130, 131, 132

Formação continuada 33, 86, 105, 106, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 141, 146, 148, 155, 188, 189, 194

Formação de professores 11, 13, 20, 22, 27, 33, 51, 52, 98, 104, 114, 115, 116, 133, 140, 147, 148, 157, 158, 159, 160, 162, 165, 188, 205, 209, 211, 216, 226

Formação integral 4, 54, 60, 61, 62, 128, 176, 179, 216

Formação profissional 23, 58, 64, 70, 71, 72, 109, 112, 116, 123, 152, 156, 162, 172, 177

G

Gestão administrativa financeira 1

Gestão compartilhada 1, 5, 8, 9, 10

H

Hora-atividade 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140

I

Identidade 9, 10, 20, 21, 22, 30, 31, 35, 36, 41, 94, 97, 112, 119, 131, 179, 181, 184, 185, 186, 222, 225, 228, 229, 232, 242

Integração curricular 54, 60, 61, 62, 176

M

Metodologias ativas de ensino 120, 188

O

Ontopsicologia 181, 182, 184, 185, 186, 187

P

Pedagogia universitária 11, 14, 20, 21, 115, 141, 194

Políticas públicas 61, 65, 70, 78, 79, 81, 82, 84, 86, 94, 148, 150, 156, 157, 159, 161, 162, 163, 165, 209, 212, 242

Pós-modernidade 36

Professor 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 48, 49, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 124, 125, 134, 136, 147, 149, 160, 163, 166, 170, 182, 183, 195, 196, 197, 199, 201, 203, 204, 206, 210, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 226, 228, 232, 236, 240, 246, 247, 250, 253

Projeto integrador 168, 169, 175, 176, 177

Promoção da saúde 64, 65, 66, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 147

Publicação científica 77, 81, 83

R

Regulamentações 141

T

Trabalho docente 11, 12, 18, 20, 21, 94, 112, 133, 140

U

Universidade 2, 11, 22, 24, 29, 33, 34, 35, 36, 41, 43, 54, 64, 87, 88, 91, 96, 98, 103, 105, 107, 110, 112, 117, 119, 120, 124, 125, 133, 140, 141, 148, 153, 155, 157, 162, 167, 179, 183, 194, 195, 197, 204, 205, 206, 209, 212, 213, 215, 223, 224, 239, 243, 253

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-666-9

